

Quando a água chega, a vida floresce no Travessão do Carua

No Travessão do Carua, em Carnaíba - Sertão do Pajeú (PE), todo mundo conhece Luciene Pereira por “Ciene”, como é chamada carinhosamente pela vizinhança.

Aos 39 anos, Luciene construiu sua vida ali, no mesmo lugar onde criou raízes com a família. Foi em 2009 que passou a viver a rotina da agricultura familiar de forma mais intensa. “Sempre que posso ajudar meu esposo na roça, eu ajudo. É mais na cata do feijão, na castanha, na mandioca”, conta.

Na propriedade, a família cultiva principalmente feijão, milho e macaxeira — alimentos que garantem o sustento da casa e, quando há excedente, também ajudam a complementar a renda. A macaxeira é para consumo da família.

Entre o cuidado com a casa e a família, Luciene participa de várias etapas da produção. Quando chega o tempo da mandioca, por exemplo, ela está presente no processo que transforma a raiz em alimento. “Quando a gente colhe mandioca e leva para a casa de farinha, eu vou rapar mandioca também”, explica.

Há cerca de dois anos, uma nova possibilidade chegou à vida de Luciene com a Cisterna Calçadão, construída pela Diaconia por meio do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), da ASA – Articulação Semiárido Brasileiro, com apoio do Governo Federal.

Em uma região onde a água sempre foi escassa, a cisterna trouxe novas oportunidades para produzir. “Fiquei muito alegre quando ganhei a cisterna, porque aqui na região é difícil ter água”, lembra. Antes, a água encanada chegava apenas uma vez por mês, o que tornava impossível manter uma horta. Com o armazenamento de 52 mil litros de água da chuva na cisterna calçadão, a realidade começou a mudar.



“Uma horta aqui era muito difícil por causa da água. Depois da cisterna eu fiz o canteiro e hoje tenho coentro, pimentinha, pimentão e couve”, conta com orgulho.

A produção ajuda na alimentação da família. Mas, quando sobra, também gera renda. “Consumimos logo em casa e, quando dá, eu vendo também.”

O coentro cultivado por Luciene já se tornou uma pequena fonte de renda. Às vezes, o dinheiro nem chega a circular fora da comunidade — fortalece o comércio local. “Tem um vizinho que passa vendendo banana e compra meu coentro para revender. O dinheiro que ele me paga eu já uso para comprar dele banana, cebola, tomate ou alho”, explica. É quase uma troca.

Essa dinâmica simples ajuda a complementar a alimentação da família e evita gastos que antes eram inevitáveis.

“Antes eu não tinha essa renda. Agora eu tenho e ela me ajuda no dia a dia. Já paguei internet, comprei frango e até o lanche para minha filha levar para a faculdade eu compro com o dinheiro da horta”, fala Luciene com orgulho.



Para a agricultora, um dos maiores benefícios de plantar em casa é saber exatamente o que está colocando na mesa da família. “Quando a gente compra na rua, muitas vezes tem veneno. Aqui não, é tudo natural, só água e o estrume daqui mesmo”, explica. Ela acredita que produzir alimentos sem agrotóxicos é também uma forma de cuidar da saúde e da comunidade.

A vida no campo nem sempre foi fácil. Em outros tempos, o marido precisou viajar para trabalhar longe. Hoje, a família consegue se manter principalmente da produção da própria terra. “Agora a gente vive mais da roça. Planta feijão, milho, macaxeira, mandioca e cria um gado também”, conta.

Entre os sonhos do casal está melhorar ainda mais a produção. Luciene sonha, por exemplo, em plantar bananeiras e ampliar o cultivo de macaxeira, criando oportunidades de renda. Apesar das dificuldades do Semiárido, ela não tem dúvidas sobre o valor da vida que construiu no campo. “Para mim, a agricultura significa tudo.”

Hoje, entre a horta ao lado da cisterna, as sementes guardadas para o próximo inverno e a produção que sustenta sua família, Luciene segue cultivando mais do que alimentos: cultiva dignidade, autonomia e a certeza de que, quando chega a água, a esperança também floresce.